

## Eutanásia -um enfoque filosófico

"Julgar se a vida merece ou não ser vivida, é responder a uma questão fundamental da filosofia."  
(Albert Camus)

Aldo Vannucchi\*

Boa morte, morte serena - isso é o que a palavra grega "eutanásia" significa: "eu" = boa; "thanatos" = morte. Ou seja: supressão da vida de forma indolor e voluntariamente provocada.

A morte sempre figurou nos debates filosóficos, como um problema fundamental para se entender a vida. Ela sempre constituiu objeto de reflexão de todos os pensadores da humanidade, desde os pré-socráticos até hoje, para ficarmos apenas no mundo ocidental.

No início do século V a.C., um discípulo de Pitágoras, Alcmeão de Crotona, homem bastante voltado aos problemas da fisiologia e da medicina, já estudava a questão da morte. É dele este pensamento à primeira vista muito obscuro e enigmático: "Os homens morrem porque não podem unir o princípio com o fim".

Procurando determinar a natureza da percepção sensorial, distinta do animal, Alcmeão ensinava que os animais "têm percepções, mas não compreendem". Ele via no cérebro a sede das sensações e considerava a alma como a "harmonia" ou a "isonomia" dos contrários físicos que compõem o corpo e a considerava "imortal devido à sua semelhança com as coisas imortais e com essa qualidade por estar sempre em movimento, já que vive em movimento contínuo tudo o que é divino".

Comentando essa visão do pré-socrático Alcmeão, Aristóteles explica que a morte, para ele, revelava a falta na alma humana do movimento circular -a tal união do princípio com o fim-próprio do que é divino. Caberia à alma humana apenas o movimento linear.

Saltando para a modernidade, vamos encontrar Pascal, lembrando-nos que "a nossa natureza reside no movimento; o repouso completo é a morte". Morrer é abdicar radicalmente da nossa condição de seres em processo.

E no século XX, em pensamento paralelo à imagem de Alcmeão, lemos no filósofo existencialista alemão Karl Jaspers que "todo ser vivo está entre parênteses -o nascimento e a morte, mas só o homem o sabe" (p.129).

De fato, todos sabemos que nossa existência é uma caminhada para a morte. Morrer faz parte da vida. Daí o verso forte de Fernando Pessoa: "O homem é um cadáver adiado", porque a gente começa a morrer desde o dia em que nasce.

Mas qual a razão, filosoficamente falando, da morte?

A primeira e principal razão por que morremos está na contingência do ser humano, na sua finitude. Por mais alta que seja a sua posição na multiplicidade de tudo o que é o universo, somos feitos de matéria perecível. Não se pode conceber o homem apenas

na perspectiva do espírito. Vivemos num corpo físico. Somos também um corpo, ou seja, um substrato material, que sofre, permanente e progressivamente, profundas modificações químicas e estruturais, dentro de um plano de vida limitado, até que cesse o nosso ciclo biológico.

Em termos mais abstratos, mas totalmente reais, é isso o que nos ensinam os filósofos sobre o ser da morte. Cabe à filosofia interrogar-se sobre o Ser em geral e sobre as raízes ontológicas de cada ser em particular. Por isso, no que concerne à relação do ser humano com a morte, ela nos aponta algumas pistas esclarecedoras.

Primeiro, a morte é uma possibilidade real do ser humano enquanto partícipe do Ser universal. O Ser é a plenitude, não poderá nunca não ser. O ser humano, porém, não é o Ser, mas um ser, um ente, um ser finito, contingente, algo que poderia tanto ser como não ser e, por isso, está exposto à caducidade, à aniquilação, à morte.

Vale acrescentar que os outros entes -animais, vegetais, minerais e as coisas e as situações em geral -também se desfazem, também morrem, mas num processo mecânico de mera autodegeneração, enquanto que a pessoa humana, dotada que é de faculdades racionais, vive conscientemente a sua morte. Sabe dela e pode até não querer pensar nela, pode querer evitá-la ou se preparar para ela. Sua morte é algo bem diferente da de qualquer outro ser. Os humanos sabemos que somos um ser-para-a-morte. E foi na clara consciência de tal verdade que Montaigne sabiamente escreveu: "Filosofar é aprender a morrer".

Essa clara, mas dura consciência da nossa mortalidade, se, de um lado, desafia a reflexão filosófica de alguns, leva, por outro lado, muitas pessoas a um processo de fuga e disfarce, dobrados pela sensação de impotência perante a força avassaladora da morte. Passam a vida fingindo-se imortais.

Muitos outros, porém, trilham caminho diferente. Côncios do caráter inelutável da morte, empenham-se por evitá-la ou postergá-la o quanto possível. Nos últimos 50 anos, avolumaram-se os estudos e pesquisas nessa direção. Nasceu assim a especialidade médica da gerontologia, voltada particularmente aos problemas do envelhecimento humano e da morte natural. Hoje, o médico esclarecido sabe que, em muitas circunstâncias, não consegue curar, mas lhe fica sempre a possibilidade e o dever de cuidar, mediante procedimentos e atitudes que garantirão algum alívio e o respeito à dignidade do paciente.

Numa outra direção, mas motivada pela mesma problemática, cresceu a polêmica sobre a eutanásia.

### **A morte induzida**

Falamos da morte como realidade certa, inexorável e universal, mas ainda não passamos por essa situação-limite. Tudo o que dela sabemos é pela visão da morte alheia. E esse passo final da existência humana revela-se extremamente perturbador, sobretudo quando carregado de dores intensas e intermináveis do moribundo. Sofre ele, sofrem os familiares, sofre o médico, sofrem todos os que cercam o paciente terminal. Até quando? Por quê? Para quê?

Outras vezes, a questão nem é o sofrimento físico do doente, mas a sua ausência total, o coma profundo e sem fim, o quadro triste e mudo de uma vida meramente vegetativa, exposta ali, não se sabe até quando.

Nessas circunstâncias tão dramáticas, impossível não despontar um sentimento de compaixão, um anseio de ajuda, uma proposta de solução. Não seria o momento certo e justo de lançar mão de todo e qualquer recurso médico que venha a propiciar a morte boa, tranqüila e honrosa da pessoa querida?

É nesse contexto que se chega, às vezes, a cogitar a prática da eutanásia como extremo lance de libertação e se dá um fim à vida, por iniciativa de um profissional da saúde ou a pedido do próprio paciente.

### **Julgamento antropológico e ético**

A eutanásia pode e deve ser julgada à luz de uma antropologia que fundamente e revele as múltiplas dimensões da autêntica realização integral do ser humano, ser simultaneamente corporal e espiritual, individual e relacional, autônomo e livre, sujeito histórico, mas passageiro e limitado embora sempre com tendência ao transcendente.

"A escolha entre vida e morte é a alternativa básica da ética", escreveu Erich Fromm, em "Análise do Homem".

Com efeito, a questão da eutanásia é, no fundo, um problema de decisão, de liberdade da pessoa (do latim *persona*: papel desempenhado quer pelos atores -personagens- no palco, quer pelo indivíduo humano na sociedade), capaz de assumir responsabilidades e de se afirmar legitimamente autônomo para decidir o encerramento da própria caminhada existencial.

Mas será correto alegar a autonomia pessoal como base para se dispor da própria vida?

Sou pela resposta negativa, pois é oportuno lembrar, antes de mais nada: não existe o direito constitucional à morte, como inexistem também o direito de vender o próprio corpo e/ou os próprios órgãos.

Ademais, numa visão antropológica e ética, é óbvio que todos temos o direito a uma morte humana, digna, e, por isso mesmo, o doente incurável e o próprio moribundo não podem ser tratados como mero objeto à mercê da vontade alheia, por mais

íntima que lhe seja ou por mais autorizada que pareça.

Sim, fala-se tanto, hoje, e com total razão, em qualidade e vida. Mas por que não defender também a qualidade na morte?

A pessoa pode estar em coma profundo ou na mais sofrida e interminável agonia, mas não perde com isso a própria humanidade. Não se torna um objeto qualquer. Continua sendo gente. E alegar a improdutividade dela como razão suficiente para sua eliminação seria repetir, no século XXI, a trágica proposta da eugenia nazista contra as "vidas sem valor".

Também seria atitude excessivamente simplista e claramente errônea buscar a eliminação do sofrimento humano, eliminando o ser humano que está sofrendo. Em saúde plena ou no pior dos sofrimentos, a dignidade humana permanece sempre intrinsecamente vinculada à pessoa.

Vale lembrar ainda que recusar a prática da eutanásia é um ponto marcante já na deontologia médica de Hipócrates, que proscovia qualquer medicação letal.

Por outro lado, também se pode trazer à baila aquele argumento de ordem puramente racional, sem nenhum apelo de ordem religiosa, usado por Tomás de Aquino, na sua "Suma". Discutindo o suicídio, ele o reprova porque, sendo parte da comunidade humana, toda pessoa tem compromisso com esse todo. Tanto o homicida como o suicida cometem o que ele chama de "crimen maximum", o maior de todos os crimes, porque constituem uma parte -o ser humano -atentando contra a totalidade humana.

Rousseau, aliás, também lançou mão desse argumento e, antes dele, o grande poeta inglês John Donne, autor da célebre frase "nenhum homem é uma ilha", escrevera lapidarmente: "A morte de qualquer homem me diminui, porque estou envolvido em humanidade".

### **Conclusão**

Na minha visão do mundo e do homem, sem desconhecer nem menoscar os enormes conflitos pessoais e emocionais, profissionais e familiares que ocorrem, muitas vezes, durante o processo do morrer, não vejo, com olhar filosófico, por que homologar sem mais a prática da eutanásia.

Situação diferente e merecedora de outra consideração seria a chamada eutanásia passiva, quando, com o seu consentimento, o paciente recebe um tratamento que poderá lhe moderar os sofrimentos, ainda que se preveja, com tais recursos médicos ordinários, o apressamento da morte.

A verdade é que a vida humana e a ciência e a arte da medicina têm limites. A finitude humana marca, inexoravelmente, tanto o paciente terminal como o próprio médico a beira do seu leito. E diante da inevitável realidade da morte, nenhum médico conseguirá jamais transformar um paciente seu em glorioso e milagroso "atanásio" ( não mortal, em grego).